ARIANE BEZERRA CUSSATTO SCARASSATI

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma revisão de literatura sobre a proposta de inclusão frente aos transtornos globais do desenvolvimento infantil, especificamente sobre transtorno do espectro autista, foi abordado o autismo e suas respectivas definições, etiologias, critérios e observações, durante o processo de inclusão na escola. Destaca-se a importância do professor em estar amparado e atualizado no que se refere à inclusão e como ela está presente nas escolas em relação a receber uma criança com autismo.

Palavras-chave: Inclusão, Autismo e Escola

ABSTRACT

This article aims to present a literature review on the proposal to bring forward the global disorders of child development, specifically on child autism, it was approached autism and their definitions, etiologies, criteria and observations during the process of inclusion in school. It highlights the importance of the teacher in being supported and updated with regard to inclusion and how it is present in schools in relation to receive a child with autism.

Keywords: Inclusion and Autism School

INTRODUÇÃO

É de reconhecimento geral que todo e qualquer processo educacional procura, em sua essência, atender adequadamente ás necessidades biológicas, psicológicas, sociais e culturais da população, com este pensamento focamos a atenção sobre a criança com autismo.

A criança psiquicamente está em constante troca com o ambiente, entendendo que ela se desenvolve e amadurece no encontro com o outro humano. (Filho, Cunha 2010 p.10).

Segundo Lampreia (2004, p.113, 114), a criança autista tem prejuízos na interação social, linguagem entre outros aspectos importantes para vida social. E como cita MELLO,(2005, p.17), suas causas são desconhecidas, de acordo com os estudos feitos há muitas pesquisas sendo realizadas para afirmarem a origem do autismo. FAVORETTO e LAMONICA (2014, p. 103), completa afirmando que os Transtornos do Espectro Autístico (TEA) são caracterizados por déficits persistentes na comunicação social e nas interações sociais, padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades.

Os autores COSTA e NUNESMAIA, (1998, p. 24), conclui dizendo que: no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM IVTM) da Associação Americana de Psiquiatria (AAP), o autismo está classificado no subgrupo denominado “Transtornos Invasivos do Desenvolvimento”. Nesse subgrupo o autismo é por deficiências severas e prejuízo invasivo em múltiplas áreas do desenvolvimento. Nessa definição eles descrevem que inclui: perdas na interação social recíproca e na comunicação.

Através da revisão de literatura e da experiência do cotidiano escolar este trabalho tem por objetivo destacar aspectos da inclusão de crianças com autismo na educação infantil.

1. CONCEITOS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Conforme cita Mello (2005, p.15) o termo autismo foi descrito pela primeira vez em 1943 pelo Dr. Leo Kanner (médico austríaco, residente em Baltimore, nos EUA) a descrição que ele faz escrita originalmente em inglês diz: Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo. Para Filho e Cunha (2010, p.106), o termo autismo foi mencionado em 1911, por Bleuler para explicar a perda de contato com a realidade e consequente dificuldade de comunicação.

FAVORETTO e LAMONICA (2014, p. 103), afirma que os Transtornos do

Espectro Autista (TEA) são caracterizados por déficits persistentes na comunicação social e nas interações sociais os quais são padrões restritos e repetitivos de comportamento.

Baseado no estudo de Lampreia (2004, p.113, 114), a criança autista tem prejuízos na interação social e na linguagem, capacidades importantes a serem desenvolvidas no ser humano. O conceito do TEA conforme os estudos têm várias definições, todas relacionadas ao comportamento.

Assunção (1997, p.106), complementa dizendo que: a teoria cognitiva sugere que no autismo a capacidade de meta-representações tem alterações o que implica nos padrões de interação social.

As causas do autismo de acordo com estudos de Mello (2005, p.17), são desconhe-

cidas e o autor contribui para entendermos sobre as mesmas em seus estudos que ela pode estar ligada há:

Anormalidades em alguma parte do cérebro ainda não definida de forma conclusiva e, provavelmente, de origem genética. Além disso, admite-se que possa ser causado por problemas relacionados a fatos ocorridos durante a gestação ou no momento do parto. (MELLO, 2005, p.17).

Em relação ao desenvolvimento Lampreia (2004. p.117), afirma que a falha no relacionamento e no compartilhar levariam ao empobrecimento da vida imaginativa assim como tornariam o empreendimento da linguagem sem sentido, ele completa dizendo que :

Os conceitos de social e linguagem, já que gestos são vistos tanto como interação social quanto como comunicação, e avaliar a possibilidade de dissolução das oposições teóricas subjacentes enfoque cognitivista x enfoque desenvolvimentista. O objetivo final seria uma tentativa de iniciar uma reflexão a respeito da relevância do esclarecimento dos pressupostos epistemológicos e das implicações de diferentes enfoques teóricos do autismo, para a busca de uma etiologia e para a intervenção. (LAMPREIA, 2004, p.118)

2. O AMBIENTE ESCOLAR E A CRIANÇA COM TEA

A escola, como primeiro ambiente fora do âmbito familiar é o lugar o qual a criança vai se desenvolver e se socializar, contudo o espaço importante para seu desenvolvimento cognitivo e social. . (JURDI e AMIRALIAN, 2006, p.194) cita em seus estudos que:

O ambiente tem um papel fundamental na constituição e no processo de desenvolvimento do desenvolvimento do indivíduo, pois à medida que a criança cresce o conteúdo de sua vida pessoal não se restringe apenas a ela. Em seu processo evolutivo, a criança afrouxa os laços da dependência familiar e passa a integrar a sociedade global, apropriandose da herança cultural, devendo o ambiente provê-la nesse sentido. (JURDI e AMIRALIAN, 2006, p.194)

Para Filho e Cunha (2010, p.12), a oportunidade de trabalhar com alunos com TGD na turma tem sido novidade para muitas escolas. Para profissionais que atuam conforme os autores destacam para eles é impactante. O autista quando entra na escola está diante de uma nova experiência, juntamente com a equipe escolar.

A criança autista precisa de uma atenção especial para seu desenvolvimento, a entrada para a escola coloca a criança diante de novas experiências que terão uma grande repercussão no seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e social. No processo educacional o currículo e importante, e diante ao novas propostas para atender ao aluno com autismo, os autores FAVORETTO e LAMONICA (2014), eles destacam abaixo aspectos importantes sobre o currículo perante esse novo desafio, afirmando que :

O currículo pré-escolar envolve várias áreas do desenvolvimento infantil, como, motora, cognitiva, linguística, socialização, adaptativa e autocuidados. A escola deve adaptar seu currículo e seu ambiente físico às necessidades de todos os alunos, propondo-se a realizar uma mudança de paradigma dentro do próprio contexto educacional. (FAVORETTO e LAMONICA , 2014 p.104)

Segundo Filho e Cunha (2010, p. 15), os prejuízos na interação social são amplos na criança com autismo, e pode haver prejuízos nos comportamentos não verbais (contato visual direto, expressão facial, gestos corporais inapropriados entre outros), dentro dessas características podemos concluir que esse aluno terá dificuldades dentro no ambiente escolar, e necessitara de recursos e acompanhamento em sua adaptação. Mazzotta e

D'Antino (2011, p. 379), colabora dizendo que: "historicamente as pessoas que apresentam diferenças muito acentuadas em relação à maioria das pessoas, constituem-se alvo das mais diversas estratégias de violência simbólica". Tal descrição feita pelo autor ele explica dizendo que:

Pode-se afirmar que nos últimos anos houve grande avanço no que se referem ao Direito Educacional, particularmente em relação a grupos reiteradamente excluídos das oportunidades escolares, tais como os negros, os indígenas e as pessoas com deficiências. No entanto, as mudanças internas não ocorrem por imposição legal, a despeito da importância da legislação contemplando anseios da sociedade em cada momento histórico. (MAZZOTTA, D'ANTINO 2011, p.381)

Ao eleger a campanha governamental pela inclusão, Barros (2005, p.120) afirma que a inclusão de deficientes no ensino regular foi como objeto de análise, partindo do pressuposto de que seria possível através das argumentações justificarem as ações em favor das pessoas com deficiência. Mazzotta e D'Antino (2011, p.385), salienta afirmando que: a inclusão social ocorre na vida social em algum espaço instituído ou estruturado, seja na família, na escola, no parque, na empresa ou em qualquer outra forma de organização social.

Mazzotta e D'Antino (2011, p.381), complementa dizendo que o princípio fundamental da inclusão como nós a entendemos. Uma política de inclusão escolar que

respeita e reafirma a igualdade de direitos e assegura a educação escolar para todos.

Dentre as disposições legais existentes em nosso país, é oportuno relembrar o Decreto Federal 3.298/99, que, além de outros dispositivos específicos relativos à cultura, ao lazer, ao esporte e ao turismo, dispõe que a pessoa com deficiência deve ser incluída em todas as iniciativas governamentais, respeitadas as suas peculiaridades. Além disso, cabe salientar que a inclusão social ocorre na vida social em algum espaço instituído ou estruturado, seja na família, na escola, no parque, na empresa ou em qualquer outra forma de organização social. (Mazzotta e D'Antino (2011, p.385)

Os autores Rosin - Pinola e Del Prette (1998, p.343), em seus estudos afirmam que a inclusão são é somente a parte física a ser reorganizada na escola ela esta presente em todos os níveis do sistema educacional, do político-administrativo à formação de professores e até o interior da sala de aula.

Conclui-se que não há espaço para ser diferente e único, e para estabelecer um diálogo com a diversidade. (Mazzotta e D'Antino , 2011, p.385),

3. O PROFESSOR E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Com bases dos estudos de Tunes e Tacca (2005, p. 692 e 694), o professor desempenha um papel fundamental na vida do aluno, em relação ao processo de aprendizagem.

Segundo Rodrigues e Saheb (2015, p. 183), acredita-se que as pequenas partes afetam o todo, se a formação docente tiver um viés para a complexidade, mudanças significativas ocorrerão em todo o processo, ele em seus estudos afirma que:

Alguns professores/educadores possuem uma visão diferenciada no que diz respeito à definição de criança, a qual se aproxima mais da concepção que perdura atualmente, definindo-a como um ser em desenvolvimento e respeitando suas especificidades (RODRIGUES e SAHEB, 2015, p. 187)

O professor precisa sair de sua zona de conforto e buscar novas possibilidades para os desafios em sala de aula, o autor destaca algo que em pesquisas vemos a necessidade da formação continuada. Sendo a aprendizagem de uma criança autista no âmbito escolar é um grade e novo desafio em sala de aula. (RODRIGUES E SAHEB, 2015),

Mazzotta e D'Antino (2011, p. 379), em seus estudos cita que “historicamente as pessoas que apresentam diferenças muito acentuadas em relação à maioria das pessoas, constituem-se alvo das mais diversas estratégias de violência simbólica”.

Pode-se afirmar que nos últimos anos houve grande avanço no que se referem ao Direito Educacional, particularmente em relação a grupos reiteradamente excluídos das oportunidades escolares, tais como os negros, os indígenas e as pessoas com deficiências. No entanto, as mudanças internas não ocorrem por imposição legal, a despeito da importância da legislação contemplando anseios da sociedade em cada momento histórico. (MAZZOTTA, D'ANTINO 2011, p.381)

Ao eleger a campanha governamental pela inclusão, Barros (2005, p.120) afirma que a inclusão de deficientes no ensino regular foi como objeto de análise, partindo do pressuposto de que seria possível através das argumentações justificarem as ações em favor das pessoas com deficiência.

Mazzotta e D'Antino (2011, p.381), complementa dizendo que o princípio fundamental da inclusão como nós a entendemos. Uma política de inclusão escolar que respeita a qual também reafirma a igualdade de direitos e assegura a educação escolar para todos.

Segundo Filho e Cunha (2010, p. 12), a ausência da oferta de educação escolar durante os primeiros anos de estudo do autismo, levou as primeiras iniciativas de escolarização ser patrocinadas por familiares.

JURDI e AMIRALIAN (2006, p. 199) complementam dizendo que o ambiente escolar apresenta um estímulo à competitividade, à negação das diferenças e uma tendência a valorizar a homogeneidade.

A escola requisita o aluno ideal e realiza suas ações para atender a esse aluno idealizado. Não há espaço para ser diferente e único, e para estabelecer um diálogo com a diversidade. Ao falarmos de um sistema de ensino inclusivo, precisamos falar de uma mudança de comportamento, de atitudes, valores e conceitos. (JURDI e

AMIRALIAN, 2006, p. 199)

5. ANÁLISE

A presente revisão de literatura compõe – se de um quadro de resumo, com ideias e analises semelhantes, entre os autores bases estudadas. Estrutura sugerida na metodologia da pesquisa cientifica segundo THOMAS E NILSON (2000), para pesquisa com revisão e analise de literatura. Abaixo estão citados os principais autores e suas ideias gerais sobre os objetivos da pesquisa realizada

Quadro 1. Classificação do transtorno do espectro autista de acordo com a literatura

Autores	Características	Comprometimento geral apresentado	Interação social e linguagem
Mello (2005)	Não se sociabiliza. Atraso do desenvolvimento	Falta de atenção, e simpatia	Comprometida
Mazzotta e D'Antino (2011)	Habilidades cognitivas comprometidas	Resistência, e comportamento repetitivo	Comprometida
Lampreia (2004).	Problema Afetivo/ social	Prejuízo da habilidade cognitiva da linguagem	Comprometida
Assunção (1997)	Comprometimento cognitivo	Incapacidade de acentuada desenvolver relações pessoais	Comprometida
Filho e Cunha (2010)	Repetição, e predominante	Agitação ao nov e o resistên cia necessitam de rotinas.	Comprometida

Quadro 2. Classificação da inclusão de acordo com a literatura

Autores Ideias	Escola	Dificuldades	Benefícios ao autista
Filho e Cunha (2010)	autismo como algo novo causa impacto	Acolhimento dos profissionais, pois o autista inicialmente se agita e fica resistente	As rotinas da escola com o tempo são benéficas ao autista
Mazzotta (2011)	Direito de todos	Reconhecer o outro sem exclui-lo	Interação social e desenvolvimento de suas capacidades
Jurdi e Amiralian (2006)	Ambiente idealizado, estimula a competitividade	Mudanças p/q atender a todos	Ambiente de desenvolvimento e interação social
Rodrigues e Sabab. (2015)	Corpo docente preparado	Professores buscarem superar os novos desafios.	Desenvolvimento de suas capacidades físicas e intelectuais.
Rosin - Pinola e Del Prette (1998)	Reorganização do todo	Aceitação da reorganização geral escolar, pensar num novo projeto sobre inclusão.	Atendimento de suas necessidades

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao falarmos de um sistema de ensino inclusivo, precisamos falar de uma mudança de comportamento, de atitudes, valores e conceitos.

A escola é o ambiente educacional propício para que ocorra o desenvolvimento cognitivo e motor das crianças, além de momentos de recreação e lazer.

O TEA em geral é algo novo em relação ao aspeto inclusão escolar, sendo ele conforme a pesquisa realizada, comportamentos inapropriados com dificuldade de interação social, linguagem e prejuízos qualitativos de ordem afetivo /social. Conforme os estudos analisados o autismo tem comprometidos na linguagem e na interação social, aspecto importantes os quais são meios para que ocorra a socialização e contribui para o desenvolvimento do indivíduo. A criança autista precisa de um ambiente preparado e adaptado para seu melhor desenvolvimento o qual suas necessidades sejam atendidas e seus comprometimento apresentados melhore, possibilitando expectativas de viver em sociedade com mais autonomia possível. Em nossa experiência com crianças autistas os benefícios de um ambiente adaptado e profissionais que conhecem sobre a síndrome, favorece seu desempenho, pois ela como qualquer outra criança com necessidades especiais, precisa de recursos os quais atende a necessidade ou dificuldade que ela apresentar.

A inclusão em seu contexto ela está defendida e escrita em legislações, leis e muitos estudos. Mas se ela ocorre conforme se apresenta nos papeis, em todo seu contexto, é algo que necessita de mais pesquisas e atenção.

REFERÊNCIAS

ASSUMÇÃO JR., Francisco B. Distúrbios globais do desenvolvimento. Estilos da Clinica., São Paulo , v. 2, n. 3, 1997 .

Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141571281997000300001

4&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 set. 2015

BARROS, Alessandra. Alunos com deficiência nas escolas regulares: limites de um discurso. Saude e Sociedade ., São Paulo , v. 14, n. 3, p. 119-133, dez. 2005 .

Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010412902005000300008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 14 out. 2015.

BOSA, Cleonice Alves. Autismo: intervenções psicoeducacionais. Revista Brasileira de Psiquiatria., São Paulo , v. 28, supl. 1, p. s47-s53, May 2006 . Disponível em www.scielo.br/scielo.php Acesso em 20 Set. 2015.

COSTA, MARIA IONE FERREIRA DA; NUNESMAIA, HENRIQUE GIL DA SILVA.

Diagnóstico genético e clínico do autismo infantil. Arquivos de Neuro Psiquiatria., São

Paulo , v. 56, n. 1 , p. 24-31, mar. 1998 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-

282X1998000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 04 nov. 2015. http://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1998000100004

FAVORETTO, Natalia Caroline; LAMONICA, Dionísia Aparecida Cusin. Conhecimentos e necessidades dos professores em relação aos transtornos do espectro autístico. Revista Brasileira de Educação Especial. Marília , v. 20, n. 1, p. 103-116, mar. 2014 . Disponível em www.scielo.br/scielo.php. Acesso em 14 set 2015

FILHO, Jose Ferreira Belisário e CUNHA, Patricia. A Educação Especial na

Perspectiva da Inclusão Escolar : transtornos globais do desenvolvimento. Brasília :

Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial ; [Fortaleza] : Universidade Federal do Ceará, 2010

JURDI, Andréa Perosa Saigh; AMIRALIAN, Maria Lúcia Toledo de Moraes. A inclusão escolar de alunos com deficiência mental: uma proposta de intervenção do terapeuta ocupacional no cotidiano escolar. Estudo de Psicologia. (Campinas), Campinas , v.

23, n. 2, p. 191-202, jun. 2006 . Disponível em www.scielo.br/scielo.php. Acesso em 20 set. 2015.

LAMPREIA, Carolina. Os enfoques cognitivista e desenvolvimentista no autismo: uma análise preliminar. Psicologia, Reflexão e . Critica ., Porto Alegre , v. 17, n. 1, p. 111

120, 2004 . Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010079722004000100014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 14 out. 2015.

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira; D'ANTINO, Maria Eloísa Famá. Inclusão social de pessoas com deficiências e necessidades especiais: cultura, educação e lazer. Saude e Sociedade., São Paulo , v. 20, n. 2, p. 377-389, jun. 2011 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010412902011000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 14 out. 2015.

MELLO, Ana Maria S. Ros de, Autismo: guia prático. 4. ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2005. 103 p.: il.

RODRIGUES, Daniela Gureski; SAHEB, Daniele. A concepção dos professores e educadores de educação infantil sobre o saber de Morin: ensinar a condição humana. Revista Brasileira: Estudo Pedagogia., Brasília , v. 96, n. 242, p. 180-197, abr. 2015

. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php . Acesso em 15 set 2015

ROSIN-PINOLA, Andréa Regina; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. Inclusão escolar, formação de professores e a assessoria baseada em habilidades sociais educativas.

Revista Brasileira de Educação Especial., Marília , v. 20, n. 3, p. 341-

356, set. 2014 . Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-

65382014000300003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 nov. 2015. http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382014000300003.

TUNES, Elizabeth; TACCA, Maria Carmen V. R.; BARTHOLO JUNIOR, Roberto dos

Santos. O professor e o ato de ensinar. Cadernos de . Pesquisa., São Paulo , v. 35, n.

126, p. 689-698, dez . 2005 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742005000300008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 14 out. 2015.

THOMAS, J.R, e NELSON, J.K. Métodos de pesquisa em atividade física. Porto Alegre: Artmed, 2002